



**OS RASTROS DA MEMÓRIA:
DIÁLOGOS ENTRE CARLOS DRUMMOND E GIOVANNI RABONI**

Elena Santi¹

Resumo: Nas coletâneas de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) e Giovanni Raboni (1932-2004), podemos observar como suas concepções de memória tomam corpo no texto poético. O processo memorial se configura como um impulso que gera movimentos dentro da poesia, por meio de uma lembrança, às vezes esgarçada, fragmentária, que traz consigo sombras e que se mostra como um elemento complementar do esquecimento. Lembrar, escrever, esquecer são momentos que se amarram entre eles por meio da palavra poética. Objetivo da comunicação é abordar uma seleção de textos das coletâneas *Le case della Vetra* (1966) e *Boitempo: esquecer para lembrar* (1979), seguindo este ponto de vista, à procura de possíveis ligações e tangências entre essas duas escrituras. Outro elemento norteador dessas relações literárias está na relação com a *Recherche* proustiana, da qual os dois poetas foram tradutores.

Palavras-chave: Memória; Carlos Drummond de Andrade; Giovanni Raboni.

A experiência tradutória para Carlos Drummond (1902-1987) e Giovanni Raboni² (1932-2004) se torna um instrumento importante de busca poética. Enquanto Raboni era um tradutor de profissão, Drummond raramente cobrava pelas traduções, que apareciam frequentemente em suas colunas nos jornais. Para ambos, porém, podemos afirmar que a tradução representava um momento de encontro, com outra literatura, outra poesia, uma forma de penetrar as palavras alheias, de compreendê-las. Como muitos grandes poetas e tradutores, ambos se dedicaram à tradução da obra monumental proustiana, a *Recherche*. No caso de Raboni isso se concretizou em uma publicação consistente, pois traduziu e publicou todos os sete volumes proustianos numa coletânea prestigiosa, *I meridiani* da Mondadori,

¹ Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLit, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, bolsista Capes. E-mail: elena.santi1989@gmail.com

² Giovanni Raboni foi um importante poeta, crítico, escritor e tradutor do século XX italiano. Colaborou com importantes jornais como *Il corriere della sera*, e sua atividade de crítico ajudou a promover outros poetas, por meio da coleção *I quaderni della fenice*. Publicou diversas coletâneas poéticas, entre as quais destacamos *Le case della Vetra* (1966), *Cadenza d'inganno* (1975), *Canzonette mortali* (1987), *A tanto caro sangue* (1988), *Ogni terzo pensiero* (1993), *Quare tristis* (1998), *Barlumi di storia* (2002). Foi também escritor para o teatro, com as peças *Rappresentazione della croce* (2000) e *Alceste o la recita dell'esilio* (2002).



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.125-133

enquanto Drummond traduziu e publicou o livro *A fugitiva* (1970). Se considerarmos a tradução como instrumento de aproximação, de melhor compreensão, de encontro, podemos pensar em como a atividade tradutória da *Recherche* possa ter influenciado, de alguma forma, a poesia dos autores em questão. Para traçar o nosso caminho que, das páginas proustianas se desenvolve tocando os poetas objeto do nosso estudo, tentaremos passar pelas reflexões de Walter Benjamin sobre Proust, que o levaram a elaborar toda uma concepção de tempo e memória que pode nos ajudar a esboçar a estrutura dessas ligações.

Benjamin, durante vários anos, dedicou-se à elaboração de textos baseados na *Recherche*. A figura de Proust é frequente nas páginas benjaminianas, vejam-se as ocorrências em *Passagens*, onde, em vários momentos, o filósofo alemão dedica suas reflexões ao escritor francês. Escreve Benjamin nos parágrafos K das *Passagens*: “Proust pôde surgir como um fenômeno sem precedentes apenas em uma geração que perdera todos os recursos corpóreo-naturais da rememoração” (BENJAMIN, 2009, p.433). A preocupação benjaminiana com a figura de Proust se explica com a concomitante reflexão sobre tempo e experiência. Se a experiência, para Benjamin, se divide em *Erlebnis*, ou seja, experiência registrada na consciência e recuperável a qualquer momento, e *Erfahrung*, experiência da memória involuntária, da vivência esquecida, que foge de um controle consciente, é somente essa última que interessa para Benjamin, e que parece ter sido deixada de lado nos anos a ele contemporâneos. A memória que se encontra no centro dessa dimensão “é inseparável do esquecimento” (GARRITANO, 2016, p. 12, tradução nossa). É uma lembrança esgarçada, esquecida, mutilada, mas que, justamente na lacuna, no espaço branco, na impossibilidade da sua concretude, revela seu poder filosófico e criativo. Esse tipo de rememoração se subtrai ao tempo, à sucessão cronológica, porque “acumula-se, em suma, sem o conhecimento do mesmo sujeito” (GARRITANO, 2016, p. 13, tradução nossa). É essa memória mutilada o motor central da obra proustiana. Como escreve Benjamin no ensaio “A imagem de Proust”, ele “não descreveu em sua obra uma vida como ela de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem a viveu” (BENJAMIN, 1994, p. 37). Na *Recherche* assistimos a uma multiplicação de fatos memoriais, de lembranças, que surgem sem um controle consciente sobre essas recordações, simplesmente emergem, se combinam, dialogam e interagem, transfiguram o espaço e nulificam o tempo. Os momentos se dilatam a desmesura, pois “o acontecimento lembrado é sem limites” (BENJAMIN, 1994, p. 37). A ação é reduzida ao mínimo, enquanto



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACIGARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.125-133

o ato da pura recordação adquire uma preponderância fundamental. Lembrar, esquecer, escrever³, são momentos interligados que criam a urdidura do texto proustiano. Nessa relação, Benjamin elabora sua teoria sobre o tempo, pensado como tempo da recordação, onde a duração e a concatenação encontram-se suspensos.

Roland Barthes, no ensaio “Durante muito tempo, fui dormir cedo”, falando da *Recherche*, acrescenta um elemento fundamental: “a *Busca* é a narrativa de um desejo de escrever” (BARTHES, 1988, p. 284). Longe de ser uma obra fechada e definida, a *Recherche* se inscreve num gênero completamente híbrido, onde as formas das narrativas entram em curto circuito. O texto se movimenta entre as formas do romance e do ensaio, em uma vertigem verbal que nasce da necessidade da escrita. O ato de escrever, como resultado da rememoração é o ponto central da obra. O sujeito que se movimenta nesse texto não é movido por um indefinido inconsciente, mas pelas “profundezas do consciente enquanto desordem” (BARTHES, 1988, p. 286). A obra proustiana não se configura como uma sequência de aleatórias associações de ideias, mas de “sistemas de instantes (ainda Bachelard) [que] sucedem-se, *mas também se respondem*” (BARTHES, 1988, p. 287). A memória que Proust coloca em cena na *Recherche*, não é involuntária enquanto aleatória, fruto de um tempo não inteligível que é somente sofrido, mas antes é o que mostra a desorganização da lógica da biografia, entendida como uma sucessão de fatos cronológicos, consequenciais, sucessivos. O tempo que deriva dessas considerações é escancarado, aberto, decodificado. Suas partes se costuram entre elas como em um patchwork, ou seja, rapsodicamente se estabelecem ligações entre elas que não dependem somente da justaposição, mas antes são fruto de um fluir livre temporal, que se produz em todas as direções.

A *Recherche*, nessa perspectiva, representa não somente a tentativa de uma infração das barreiras entre as formas do discurso – como descreve Roland Barthes, Proust permaneceu durante longo tempo na dúvida se o seu texto teria sido um ensaio, indo, isto é, no campo da metáfora, ou um romance, escolhendo o caminho da metonímia – mas também a necessidade de elevar a recordação a protagonista do discurso escrito, rompendo barreiras, e criando um universo analógico que pudesse hospedar uma concepção de tempo assim articulada. Não surpreende, portanto, que boa parte do universo cultural do século XX e XXI tenha sentido a

³ GAGNEBIN, J.M. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 3, 2006.



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACIGARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.125-133

necessidade de se confrontar com as páginas proustianas, numa relação de comunhão e diálogo, tentando acolher, metabolizar e reelaborar a lição do escritor francês.

Voltando aos poetas objeto do nosso estúdio, a relação com Proust, como já colocado anteriormente, passa não somente pela leitura, mas também pela tradução. Giovanni Raboni, no seu livro *La conversione perpetua e altri scritti su Marcel Proust*, editado recentemente pela editora MUP, traz alguns elementos que nos fazem entender quão estreitos fossem os laços com a *Recherche*. Nessa coletânea de ensaios escolhidos e organizador por Giulia Raboni, o poeta milanês conta sua experiência de leitor e, principalmente, de tradutor. O amor pela *Recherche*, que começa aos dez e oito anos, quando o pai o presenteia com uma edição em francês, as noites passadas em claro, temendo não conseguir terminar sua tradução, assim como Proust, que se afastou do mundo, preocupado que a morte o impedisse de acabar sua obra. Escreve Matteo Moca sobre *La conversione perpetua*:

amar a *Recherche* significa não estar nunca satisfeito. [...]. Traduzi-la, fazê-la transitar de uma língua a outra é um ato igualmente amoroso de reescrita, uma forma extrema de amor, que consegue fazer reviver, com suas lentidões e acelerações, o contraponto entre o tempo lento, labiríntico e infinito da narração proustiana e o precipitoso da vida que foge, do medo de não conseguir levar a cabo a empresa [...]. (MOCA, 2015, sem paginação, tradução nossa)⁴

O elo que une Raboni à obra de Proust é estreito e passa pelo trabalho do tradutor, pela paciência, pelos dicionários abertos na mesa do escritório, pela releitura constante, pela reflexão, pela vertigem da língua experimentada na tentativa de dar-lhe voz. Na poesia de Raboni essa profunda relação é trazida, reelaborada, revivida e transformada. Na coletânea *Le case della Vetra* (1966), o poeta retrata principalmente sua cidade, Milão, suas mudanças, suas ruas, seus becos sem saída, e, contemporaneamente, os lugares trazidos nos poemas são vistos e rememorados ao mesmo tempo. À visão se sobrepõe constantemente a lembrança dos lugares, trazidos para um presente a temporal. O que desencadeia o fluxo de fragmentos da memória são vozes, murmúrios, presenças sonoras subterrâneas que, ouvidas pelo poeta, despertam uma memória que, surgindo do esquecimento, se manifesta ao poeta em um átimo

⁴ Disponível em: <<http://www.minimaetmoralia.it/wp/vivere-nella-recherche-giovanni-raboni-e-marcel-proust/>>. Último acesso em: 31 ago. 2017.



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACIGARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.125-133

único e irrepetível. No poema “*La discussione sul ponte*” é o barulho da água, tombada, que no seu incessante fluir, na sua resistência ao ser esquecido, traz uma lembrança que transfigura o lugar, rói o presente, projeta sua sobra sobre os edifícios.

La discussione sul ponte

*Io sto a sentirlo: ma lui, chi può dire
se lo vede sul serio, lì dov'era,
con le quattro Sorelle di ghisa, le spallette
sul buio del Naviglio? Ma sì, è buio,
i coni d'ombra oscillano, il respiro
del Naviglio interrato striscia d'ombra
sulle facciate livide, danneggia
i sopralzi, restaura i cornicioni
bassi di via Mulino delle Armi,
di via Senato, di dov'era il Tombone
di San Marco e nell'ombra, oltre i portoni,
sembra che il vede sollevi la sua groppa
consunta, i giardini fatti a pezzi
dal notaio, spianati dai bulldozer
dei monopoli... Io non gli chiedo di credere
ai miei poveri simboli, all'orrore
dell'ingiustizia anonima, più cieca,
più decorosa. Ma anche quei suoi giochi
con le ombre: e avere pietà
dei morti, sempre dei morti... Forse è questo
che dovrebbe sapere, se bisogna
vivere con i vivi o con i morti.
(RABONI, 2014, p. 43)*

Os verbos que descrevem a ação da lembrança sobre a realidade manifestam uma forte materialidade: rastejar, danificar, restaurar; são todos verbos que mostram uma profunda ação sobre a matéria, transfigurada e percorrida. Nessa perspectiva o “viver com os mortos”, que é introduzido pelo poeta em conclusão do poema representa de certa maneira o abrir-se a esta lembrança, um ato de *pietas*, de quem se abre a memória, as presenças que nela habitam.

Da mesma maneira, a experiência proustiana se reflete na poesia de Carlos Drummond. Emblematicamente Drummond escolhe como nome de uma de suas coletâneas maduras: *Esquecer para lembrar* (1979), sucessivamente reunida na série *Boitempo*. O título “é uma fórmula tão intrigante e paradoxal quanto precisa, como indicador de um processo de memória: lembramo-nos melhor da matéria que permaneceu esquecida por muito tempo”



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACIGARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.125-133

(VILLAÇA, 2006, p. 115). O passado é o centro do livro, não o vivido, o rememorado. A memória trazida por Drummond nesta coletânea é fragmentada, sem unidade, episódica. É o que sobra da ação do tempo, que rói a lembrança, deixa seus buracos, cria lacunas e falhas. Lembrar, portanto, não é uma preservação, uma maneira de conservar o que foi, mas de deixar emergir o que sobrou, de subverter o fluxo temporal, de resistir a uma necessidade cronológica que vê os eventos como elementos de uma série consequencial. Nesses poemas de Drummond o núcleo dos textos é a recordação, que se desenvolve ao longo dos poemas, organizados em seções que simbolizam fases da infância e juventude do poeta, contudo sem tentar reconstruir uma ordem. Lembranças, poemas surgidos em momentos diferentes são selecionados, por meio de uma montagem, e ordenados, para criar laços entre eles, para ganhar significações na proximidade. Podemos pensar no texto “O dia surge da água”, onde emblematicamente, do escorrer da água se origina o dia e a lembrança que está ligada ao barulho da água que borbulha.

O dia surge da água

O chafariz da Aurora
faz nascer o sol.
A água é toda ouro
desse nome louro.
O chafariz da Aurora,
na iridescência trêmula,
bem mais que um tesouro
é prisma sonoro,
campainha abafada
em tliz cliz de espuma,
aérea pancada
súbita
na pedra lisa,
frígida espadana,
tece musicalmente
a áurea nívea rosa
vestimenta do dia líquido.
Deixa fluir a aurora
sendo um tão pobre
chafariz de povo.
(DRUMMOND, 2006, p. 53)



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.125-133

As metáforas líquidas dominam a cena. Assonâncias, paronomásias, onomatopeias transformam os versos em um fluir de água, no borbulhar do chafariz. As portas da memória são abertas por meio do som das águas, do seu cantar, que trazem a lembrança do tempo da infância, dos dias que nasceram naquele chafariz. Não há narração no poema, a situação é delineada por meio de pinceladas coloristas e sonoras, que fazem a poesia ressoar da iridescência da água. O dia é líquido, não somente porque nasceu das águas, mas porque é feito da matéria da lembrança, impalpável e escorregadio. O chafariz é um prisma sonoro, que tece a polifonia da lembrança. Os enjambements criam um efeito de deslizamento, quase imitando o fluxo da água que jorra e vem abaixo. A pedra lisa da memória é esculpida pelos jorros da lembrança. Nessa perspectiva, os versos drummondianos parecem seguir o movimento da memória da *Recherche*, procuram aquela experiência da lembrança esquecida, que volta diante de um acontecimento presente. Novamente é um elemento sonoro que desencadeia o surgir da lembrança, a anulação do fluxo lógico e consequencial, o oferecer-se dos fragmentos do passado. Os poemas de *Esquecer para lembrar*, esquecer para lembrar, oscilam entre a forma de pequenos contos, que não querem contar, e quadros desenhados com poucas pinceladas, mas de cores intensas e vibrantes. Como sublinhado por Alcides Villaça, a diferença de outros momentos de recordação e lembrança ao longo da produção drummondiana, na série *Boitempo* temos uma preponderância consistente do tempo presente em lugar do pretérito, a fim de criar uma sensação de duração. A lembrança não é simplesmente rememorada, mas é trazida, devolvida ao presente, absolvida de suas ligações temporais. Usando as palavras de Villaça: “para aproveitar uma lição de Bergson, trata-se não apenas de evocar uma percepção antiga, na ilusão de revivê-la tal e qual se deu, mas de construir com ela (e para ela) uma nova percepção” (VILLAÇA, 2006, p. 114). Os fragmentos das lembranças são trazidos, repensados, ressignificados, na contaminação de tempos e na operação de montagem e construção que é feita por dentro da obra, tentado restituir aos fragmentos uma sequência, ou melhor, uma nova narração.

Frente a um hoje que parece escapar das mãos, uma vida que mostra o seu tramonto, um cotidiano por vezes sentido como inexpressável, uma palavra que em vários momentos fraqueja, a lembrança, de matriz proustiana permeia a poesia. Como colocado por Alberto Pucheu, “entre o silêncio e a fala, entre o não sentido e o sentido, o murmúrio, enquanto tom da poesia” (PUCHEU, 2014, p. 49), ou seja, frente ao impasse de pronunciar uma palavra



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACIGARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.125-133

poética forte e evocativa, e diante à impossibilidade de se escrever em um tempo percebido como próprio, o poeta escolhe o murmúrio, o tom baixo, de quem, a pesar de tudo não se cala, e encontra na memória o instrumento poético para prosseguir seu trabalho.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Auto-Retrato e outras crônicas*. Rio de Janeiro: Record, 1989.

_____. *Boitempo: Esquecer para lembrar*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. *Poesia e prosa em um volume*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.

BARTHES, Roland. “Durante muito tempo, fui dormir cedo”. In: *O rumor da língua*. Tradução: Mario Laranjeira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BENJAMIN, Walter. “A imagem de Proust”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Passagens*. Tradução do alemão: Irene Aron, Tradução do francês: Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BENZONI, Piero. “Su Raboni traduttore di Proust”. In: GIRARDI, Antonio et al. [org]. *Questo e altro: Giovanni Raboni dieci anni dopo (2004-2014)*. Macerata: Quodlibet, 2016.

DEI, Adele; MACCARI, Paolo [org]. *Per Giovanni Raboni: Atti del Convegno di Studi Firenze 20 ottobre 2005*. Roma: Bulzoni, 2005.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

GARRITANO, Daniele. *Il senso del segreto: Benjamin, Bataille, Deleuze, Blanchot, e Derrida sulle orme di Proust*. Milano: Mimesis Edizioni, 2016.

MOCA, Matteo. Vivere nella “Recherche”. Giovanni Raboni e Marcel Proust. *Minima& moralia*, 8 giugno 2015. Disponível em: <<http://www.minimaetmoralia.it/wp/vivere-nella-recherche-giovanni-raboni-e-marcel-proust/>>. Último acesso em: 31 ago. 2017.

PUCHEU, Alberto. “Carlos Drummond de Andrade: um ex-poeta, um poeta perturbado, um poeta precário. In: SCRAMIN, Susana; LEONE, Luciana di [org.]. *Ler Drummond hoje*. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2014.



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS:
DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.125-133

RABONI, Giovanni. *La conversione perpetua e altri scritti su Marcel Proust*. Parma: MUP Editore, 2015.

_____. *Tutte le poesie 1949-2004*. Torino: Einaudi, 2014.

SCRAMIN, Susana; LEONE, Luciana di [org.]. *Ler Drummond hoje*. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2014.

VILLAÇA, Alcides. *Passos de Drummond*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.